

PERVIVENCIA Y LITERATURA: DOCUMENTOS PERIFÉRICOS AL TEXTO LITERÁRIO, CARMEN F. BLANCO VALDÉS Y ELISA BORSARI (COORD. E ED.), CILENGUA (MISCELÁNEA 18) – SAN MILLAN DE LA COGOLLA, 2023, 564 PP. (ISBN 978-84-18088-29-2).

Lênia Márcia Mongelli
Universidade de São Paulo
lmongelli@gmail.com

A primeira vantagem desta volumosa miscelânea decorre de qualquer publicação com esse perfil, quando os articulistas que dela participam são movidos por autêntico espírito científico, como aqui: a variedade de títulos, versando diversos gêneros e temas, oferece da Idade Média – período em questão – um rico panorama linguístico, literário, historiográfico. A segunda vantagem tem a ver com a inesperada escolha do assunto central: os “documentos periféricos ao texto literário”, quais sejam, os prólogos, os colófons, as dedicatórias, os apêndices, as glosas, as notas, as epígrafes etc., tudo aquilo que Gérard Genette, já em 1987 (*Seuils*), alertava como sendo complemento indispensável à significação mais completa de um texto. Disse-o de forma precisa, logo na Introdução ao seu livro famoso: “... esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais amplo: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo...”¹

Dado esse instigante perímetro temático, o leitor paciente ainda levará uma terceira vantagem: as poderosas lições metodológicas, subliminares aos esforços de rastrear fontes, de comparar edições, de restituir “originais”, de “traduzir” passagens tantas vezes “ilegíveis”, de decifrar notas ou de complementá-las, de propor outras hipóteses para questões polêmicas, de “ler” imagens, de levantar o(s)

¹ GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. bras. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 9.

contexto(s) que as cerca(m), a biografia de quem as compôs etc. Considerando-se as dificuldades documentais próprias de tempos historicamente recuados como a Idade Média, pode-se dizer que a tarefa é, não poucas vezes, hercúlea. Bastava a bela contribuição que nos chega por esse ângulo para valorizar o exemplar que temos em mãos.

São 37 artigos, quatro chamados de “Plenarias” (donde se deduz tratar-se de uma recolha de textos de Congresso/Córdoba 2021) e os outros 33, de “Estudios”. Aqueles quatro são da autoria de: Carlos Alvar (“Prólogos de los libros de la materia de Bretaña: María de Francia y Chrétien de Troyes”), Mercedes Brea (“Angelo Colocci y sus copias de un cancionero gallego-portugués”), María Jesús Lacarra (“Las portadas como paratexto: el ejemplo de la *Tragi-Comedia de Calisto y Melibea*”) e Michael Papio (“Boccaccio antropólogo de la antigüedad”), investigadores que dispensam apresentação: Alvar, especialista em e tradutor da vasta matéria de Bretanha para a língua espanhola; Brea, a conhecidíssima filóloga que vem cuidando de edições, impressas e *online*, dos Cancioneiros quinhentistas galego-portugueses; Lacarra (que, depois de excelente gestão, acaba de transferir para outrem a Presidência da AHLM), dedicada aos contos medievais e à tradição oral principalmente na Espanha, além das obras impressas em castelhano até 1600; Michael Papio, da Universidade de Massachusetts Amherst, filósofo que trabalha com Boccaccio, Dante, Itália medieval e do início da Renascença, defensor da frutífera inter-relação literatura/filosofia/teologia. Fiéis, os quatro, ao princípio do livro em exame, capricharam nos títulos dos próprios artigos, já de si oferecendo uma “pista” de leitura: Carlos Alvar mostra como os Prólogos podem conter, mais do que uma profissão de fé, um verdadeiro “tratado de poética”, que não só atende aos desígnios do autor, como às normas do tempo e às relações delas com o rico passado que as antecedeu, conforme os soberbos exemplos dados por María de Francia e Chrétien de Troyes; Mercedes Brea abraça a difícil tarefa paleográfica e filológica de decifrar as complexas anotações do humanista italiano Angelo Colocci (que ela merecidamente enaltece), colocadas nas margens e no corpo dos poemas manuscritos de B (*Cancioneiro da Biblioteca Nacional*) e V (*Cancioneiro da Vaticana*), por ele mandados copiar no século XVI, a partir do misterioso original perdido *Libro*

di Portughesi; María Jesús debruça-se sobre a deliciosa obra atribuída a Fernando de Rojas, mais conhecida por *La Celestina*, com o intuito bastante inusitado de acompanhar o histórico das “portadas” (= “producto esencialmente de la imprenta”) ao longo de suas sucessivas 85 edições (material utilizado por Lacarra), chegando a conclusões surpreendentes e muito informativas, não só de natureza estética (exame das imagens gráficas) como sociológica (“horizontes de recepción de la obra”); por último e não menos sedutoramente, Michael Papio investiga com densidade o que ele designou como a “antropologia” de Giovanni Boccaccio (de olhos postos, dentre outras obras, principalmente na *Genealogia deorum gentilium*, em que o poeta italiano examina as relações de parentesco de divindades gregas e romanas antigas), compreendida a partir do mito cristão das origens do mundo em Adão e Eva e sua possível conciliação com o paganismo, proposta motriz da questão nuclear: “En este ensayo analizaremos algunos pasajes de las obras de Boccaccio en un intento de entender qué pensaba de aquellos primeros gentiles que tuvieron un indicio de la existencia de la Divinidad y cómo hizo uso de aquellas ideas, particularmente en las *Genealogie*” (p. 94).²

Do ponto de vista funcional e em termos editoriais, esses quatro artigos dialogam centrifugamente com os outros 33 da coletânea, em fecundo arranjo. Por exemplo, Ana Milagros Jiménez Ruiz (“Hacia una sistematización de las primeras portadas de *Celestina*: el primer tipo iconográfico celestinesco”) e Angela Torralba Ruberte (“Los grabados de *El libro del conde Partinuplés* en el siglo XVI”) estão em sintonia com o texto de Lacarra, ressaltando, a primeira, o quanto decisões editoriais manipulam cronologicamente o feitio das portadas, cujo formato e imagética acompanham, ainda, o gosto do público receptor, conforme a segunda. Na esteira das reflexões de Mercedes Brea, podem falar por outros o rigoroso artigo de Fabio Barberini (“Rubriche mal collocate nel Canzoniere Colocci-Brancuti. I: L’“immagine paleográfica-visiva dell’antecedente perduto”), às voltas com os erros, desvios e indecisões dos vários copistas (mãos estudadas por Anna Ferrari), que acarretaram

² Ao fim, segundo Papio, Boccaccio visava a “confirmar los peligrosos males del pecado y el inframundo ímpio mientras aislaba y protegía a los poetas precristianos a quienes tanto apreciaba” (p. 116).

confusões às rubricas atributivas de muitas cantigas nos Cancioneiros B e V; ou o artigo de Maria Ana Ramos (“La poesia do passado. Leitores quatrocentistas”), que se serve de sua larga e respeitada experiência com o *Cancioneiro da Ajuda* para repor a constatação, quase axiomática, do desinteresse dos portugueses pela produção trovadoresca em meados do século XV e perguntar-se em seguida, com certa acuidade, que sentido poderiam ter “algumas notas marginais, de natureza qualificativa [*Muyto boa, muj boa, mujto boa e muj, muj boa*]” inscritas por “mão quatrocentista” à margem de algumas cantigas de CA – ou seja, o que seria “bom” ou “muito bom” para aquele leitor nada ingênuo (p. 457)? O artigo de Mariana Leite (“A História Universal como prólogo: algumas observações sobre o sonho de Gil Vicente no *Templo de Apolo*”) remete muito proximamente, em outra esfera de indagações, a alguns argumentos de Papio, assim como o ensaio de Juan Paredes (“La Literatura de Viajes: mitos, cuentos y *mirabilia*. *El Libro de las Maravillas del Mundo* de Mandeville”), ao mostrar que mitos, contos e *maravilhas* em torno de “viagens” sempre supõem “una partida hacia un mundo desconocido y misterioso cuyo conocimiento se intenta divulgar” (p. 424); ou, ainda, também Juan José Sánchez Martínez (“‘Más agora somos tornados a la fe verdadera que es la tuya’: las conversiones al Cristianismo en los libros de caballerías del reinado de los Reyes Católicos (1474-1516)”), que declara fazer uso das confluências entre história e religião para chegar à ideologia do reinado dos Reis Católicos, percebida, por exemplo, na sequência de batismos do “infiel” tanto nas *Sergas de Esplandián* (1508) quanto no *Florisando* (1510). Quanto aos prólogos tratados por Carlos Alvar, na outra ponta dessa linha, como em espelho convexo, está o luminoso trabalho de Rafael Alemany Ferrer (“Verdades (o falsedades) a medias: el colofón de la *editio princeps* del *Tirant lo Blanc*”), que, partindo de duas edições do *Tirant*, a valenciana de 1490 e a barcelonesa de 1497, atenta ao posfácio (“un colofón”) do editor incorporado pelos impressores, no qual se destaca o nome de Martí Joan de Gualba, junto ao de Joanot Martorell, como o possível responsável pela “tradução” (a obra original seria inglesa, sem menção de autor e título) da IV parte do livro e Martorell, das outras três – *imbroglio* que suscitou, com sucesso, a pesquisa metodologicamente detetivesca de Ferrer; com espírito não menos determinado,

Isabel Barros Dias (“Imagens e imaginário no ms. da Academia das Ciências de Lisboa da *Crónica de 1344*”) detém-se no “códice ampla e ricamente iluminado, escolhido por Lindley Cintra como o texto-base” da sua edição da referida *Crónica*, a partir de cujas conclusões Isabel dá vários passos adiante, em abordagem que ela mesma classifica de “interdisciplinar”, com vistas aos vínculos texto/imagem; já o percurso analítico escolhido por Carmen F. Blanco Valdés (“Dante Alighieri y sus biógrafos”) é o do essencial método comparativo: tomando por base as obras dos seis biógrafos (produzidas “entre los últimos años del Trescientos y la centuria del cuatrocientos”) que estudaram a vida tão acidentada de Dante, elegeu a de Giovanni Boccaccio e a de Leonardo Bruni, mais aquela do que esta, para tentar reconstituir, o mais fielmente possível, a verdade ou não dos fatos, até onde isto seja possível.

Na impossibilidade de contemplar todos os artigos no espaço exíguo de uma resenha, não passem sem referência os trabalhos de Michael McGlynn (“El negocio de los héroes: las fuentes de riqueza de los Saavedra”), que tangencia o *Don Quijote de la Mancha*, por causa do sobrenome, de poderosa extração política e econômica, adotado por seu autor; ou o de Mengyun Chen (“*Don Quijote* en China (1922-1939): un estudio de los documentos periféricos sobre su traducción *La biografía del Caballero loco*”), a mostrar, de perspectiva muito interessante (a da tradução), a penetração da literatura castelhana no Oriente; ou, por último, o de Constance Carta (“Carlomagno en cordel: de amores y magia”), cujo tema sugere uma extensa ponte entre Santiago de Compostela (e seu conhecido papel central na Idade Média) e o Brasil, onde a matéria cordelista é de fato pujante.

Como o leitor terá percebido, os textos enfeixados neste livro contemplam um amplo leque de objetos e tópicos, examinados com a circunspeção exigida pelo evento a que inicialmente se destinaram. Haverá necessidade de outra recomendação para sua leitura?

Resenha recebida em 15/12/2023

Resenha aceita em 27/05/2024